

**JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1**



**A VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL NO
CURTA-METRAGEM OMA THE**

**EXPERIENCE OF CHILDREN'S
GRIEF IN THE SHORT FILM OMA**

Lianne Lannunci Lima LOPES
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail:
laiannelannuncilopes@catolicaorione.edu.br

Ana Leticia Guedes PEREIRA
Faculdade Católica Dom Orione (FCDO)
E-mail: ana@catolicaorione.edu.br



RESUMO

O luto é um processo que perpassa toda a vida dos seres humanos, afetando os sujeitos de uma forma psicossocial, principalmente as crianças, pois, dependendo do contexto, a criança pode não compreender o que está ocorrendo, ter fantasias acerca da morte e ter uma construção de luto mal elaborada. Este estudo teve por objetivo geral identificar aspectos relacionados ao luto infantil no curta-metragem *Oma*. E, como objetivos específicos, buscou-se identificar comportamentos da família que dificultaram a elaboração do luto por parte da criança que perdeu a avó. Por outro lado, almejou-se, também, como objetivo específico, identificar quais fantasias e sentimentos a criança vivenciou durante o processo de luto pela perda da avó. Para tanto, adotou-se delineamento qualitativo e exploratório e foi realizada uma pesquisa nas bases de dados de periódicos da Scielo e BVS, as cenas do filme foram analisadas de acordo com a literatura específica da área. Como resultados, destaca-se que a comunicação entre os familiares e a criança pode ser um fator que auxilia ou dificulta a elaboração do luto e, também, que a relação de avós e netos é benéfica, tanto no aspecto cultural, quanto no aspecto social e individual para ambas as gerações.

Palavras-chave: Relações intergeracionais. Família. Luto Infantil.

ABSTRACT

Grief is an aspect that run through the entire life of human beings, affecting the individual in a psychosocial way, mainly children, as depending on the child's age, they may not understand what is happening, they might also have fantasies about death and a poorly designed mourning preparation. In this way, grief directly impacts intergenerational relationships, especially the relationship between grandparents and grandchildren. This study aims to identify the psychological aspects present in the short film *Oma*, focusing on the impacts on intergenerational relationships and the processes of childhood grief that are present in the short film. Thus, a qualitative and exploratory design was carried out with references from Scielo and BVS journals. As a result, it was highlighted how communication between family members and a child can be a factor that helps in preparing for mourning, as well as how the relationship between grandparents and grandchildren is

Laianne Lannunci Lima LOPES; Ana Leticia Guedes PEREIRA. A VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL NO CURTA-METRAGEM OMA THE. *Facit Business And Technology Journal*. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 232-245.

beneficial both in a cultural and social aspect.

Keywords: Intergenerational relations. Family. Child grief.

INTRODUÇÃO

Relações Intergeracionais

As relações intergeracionais são fundamentais para o ser humano, principalmente aquelas entre avós e netos, por meio das quais são transmitidos, para as crianças e adolescentes, valores, culturas e normas. Os idosos ou avós ajudam os netos ou jovens a superar dificuldades emocionais ou problemas sociais, e esse relacionamento é construído na infância, com relações amorosas (DIAS; SILVA, 2003; RAMOS, 2014).

A infância é uma fase bastante importante e singular em nossas vidas. É nessa fase que a criança estabelece um contato entre o mundo interno e o externo, aguçando os sentidos, bem como dando sentido ao meio que a cerca. Todo o arcabouço obtido com as experiências dessa fase produzirá percepções diversas quando agregadas às experiências futuras, uma vez que nos comportamos de maneira histórica e também social (PAPALIA; FELDMAN, 2013; LEITE, 2011).

Boa parte dos comportamentos sociais é aprendida nesse momento, além de, fundamentalmente, estabelecer-se a base de um repertório verbal que irá auxiliar na maneira pela qual o indivíduo diz como se sente, ou, até mesmo, como pensa na melhor condição de se expressar, mediante o contexto em que lhe fora ensinado a se comportar de modo socialmente aceito (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

É interessante pensar que em cada uma das fases da vida de um indivíduo é esperada uma série de comportamentos que deverão estar em acordo com o nível de maturidade, caso contrário, a criança não terá uma recepção boa ou razoável. Essa expectativa poderá se apresentar, muitas vezes, de forma nociva às crianças, pois, socialmente, elas ocupam um espaço de educandas, e não de educadoras, ou seja, não possuem grandes privilégios que consolidem suas contestações. A criança pode, em suma, reprimir muitas de suas subjetividades em prol da aceitação familiar e social.

Há uma concepção resumida de que a infância é “[...] ser feliz, alegre, despreocupado, ter condições de vida propícias ao seu desenvolvimento [...]” (FROTA, 2007, p. 148). Por outro lado, a velhice é um processo na vida do indivíduo que se qualifica com um período de mudanças, tanto físicas, quanto psicológicas e sociais, apesar

Laianne Lannunci Lima LOPES; Ana Leticia Guedes PEREIRA. A VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL NO CURTA-METRAGEM OMA THE. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT.Out/Nov-2021>. Ed. 31; V. 2. Págs. 232-245.

de a ocorrência da velhice ser diversificada de pessoa para pessoa (FERREIRA *et al*, 2010). O medo da velhice se torna muito presente, pois, para muitas pessoas é um momento de perda, tanto emocional quanto social, voltando-se para a morte e o distanciamento. Por conta dessa crença, a velhice é um momento de instabilidade (CERVENY, 1997; VIANNA; LOUREIRO; ALVES, 2012).

O momento da velhice pode ser representado como a procura de outras competências, onde os indivíduos vão se deparar com problemas de saúde e sociais. Então, nesse momento é crucial o ponto de equilíbrio entre as limitações e as consequências. Com isso, também é um período de encerramentos, pois as controvérsias e omissões na família podem se encerrar (CERVENY, 1997).

Com o aumento da expectativa de vida através do avanço da saúde nas últimas décadas, as relações intergeracionais, por consequência, passaram a ter um período estendido e de grande importância, tanto para os netos quanto para os avós (CASTRO, 1998; PAZ *et al*, 2000).

Segundo Gusmão (2003), as crianças demonstram sentimentos de felicidade ao receberem atenção dos avós, através de, por exemplo, brincadeiras. Tal aproximação acaba beneficiando os avós, que, muitas vezes, acabam tendo que enfrentar o isolamento, quando os filhos formam uma família, ou quando o parceiro vem a óbito (CERVENY, 1997).

Portanto, a relação entre avós e netos nessa fase pode oferecer aspectos tanto positivos, como o aumento de afeto e carinho entre os envolvidos e o aumento de qualidade no relacionamento familiar, mas, também, aspectos negativos, como o falecimento de um dos membros, onde o luto toma a vez (CERVENY, 1997).

Percebe-se que existem similaridades entre a infância e a velhice, o início e o fim do ciclo da vida. Ambos necessitam de cuidados especiais, que, por vezes, acabam não sendo atendidos, devido às múltiplas ocupações dos adultos (OLIVEIRA; GOMES; TAVARES, 2009).

Luto

O luto é um processo inerente à vida humana, que perpassa a esfera social, familiar, acadêmica, ocupacional e afetiva. O processo do luto envolve uma adaptação à perda de um ente querido, de um objeto ou de um animal de estimação (FAGUNDES, 2012).

Existem quatro fases do luto, quando ele não é patológico. A primeira fase do luto é o entorpecimento, nessa fase, o indivíduo não aceita a morte, tem sentimentos de raiva e

desespero, podendo aparecer sintomas como falta de ar e um vazio no estômago (FRANCO, 2010; KLEIN, 2017).

A segunda fase do luto é marcada por anseios e protestos, nesse período, existe um forte desejo de trazer de volta o ente querido, podendo ocorrer muito choro e tristeza nessa fase. A terceira fase é caracterizada pelo desespero, em que o enlutado não consegue mudar a situação, por conta disso, tem comportamentos depressivos e apáticos, podendo ter problemas como insônia e perda de peso e de apetite (FRANCO, 2010; KLEIN, 2017). A quarta e última fase se qualifica como a recuperação do enlutado, nesse período, o indivíduo consegue aos poucos se recuperar, tendo, assim, mais esperança, e os pensamentos e comportamentos depressivos vão diminuindo, dessa forma, o enlutado gradativamente reestabelece a sua vida (FRANCO, 2010; KLEIN, 2017).

Também, de acordo com Bowlby (2015), existem quatro fases do luto, sendo a primeira fase de torpor, que pode durar algumas horas, período em que o indivíduo não aceita a morte e tem episódios de raiva muito intensos; a segunda fase é a busca pela pessoa perdida, depois de algumas semanas da morte do ente querido, a pessoa sente aflição e passa por episódios de choro, podendo durar semanas ou até anos, tentando recuperar o ente querido por pensamentos e sentimentos; a terceira fase é a do desespero, em que a pessoa enlutada tem sentimentos de raiva e a expectativa de rever a pessoa perdida, tendo expressões de suspiros e desespero; por fim, a quarta fase, que é a de reorganização, ocorre após a fase de desespero, é a fase em que a pessoa enlutada se adapta à vida sem a pessoa amada, passando assim a reorganizar sua vida sem a presença do ente querido.

A perda de um ente querido se torna uma das experiências mais dolorosas da vida de uma pessoa, podendo piorar o quadro de luto quando é testemunhada a perda, momento em que o indivíduo se sente imponente, sem poder ajudar (BOWLBY, 1985 *apud* ANDERY *et al*, 2020, p.29).

O processo do luto pode se tornar patológico quando existe incapacidade de a pessoa expressar os seus impulsos e sentimentos em relação à pessoa perdida, ou seja, ocultar essas sensações, como a saudade da pessoa e também a raiva por tê-la perdido (BOWLBY, 2015).

Quando o indivíduo expressa os sentimentos, frustrações e sofrimento em relação à perda observa-se um processo de luto saudável, por outro lado, quando os sentimentos e sensações de sofrimento são reprimidos, estes se tornam presentes na personalidade do

indivíduo, influenciando comportamentos e sentimentos de maneira distorcida (BOWLBY, 2015).

Também no luto patológico, a pessoa enlutada tem um sentimento de culpa muito exacerbado pela morte do seu ente querido, e, em um estado de melancolia, o sujeito sofre aumento da dor emocional, da agonia e do desespero, afastando-se ou isolando-se, com isso, no luto mal elaborado ou patológico, o ente querido fica fixado em uma representação perdida. Portanto, o luto patológico pode ocasionar incapacidade de amar, perda de interesse pela vida, desânimo e inibição (KOVÁCS, 2002; CASELLATO, 2003; SILVA; CARNEIRO; ZANDONADI, 2017).

A perda de um ente querido pode ser vivenciada em vários contextos da vida do ser humano, na escola/faculdade, no trabalho, na igreja ou em outra instituição. Portanto, o ambiente que o indivíduo está inserido será afetado por essa perda (ANDERY *et al*, 2020).

Luto Infantil

A morte, para as crianças, pode ser um processo bastante difícil e confuso, no entanto, conforme a criança cresce, ela entende que a morte é um evento natural e irreversível da vida, universal para todos, além disso, passa a compreender que o indivíduo sem vida não tem mais funcionalidade (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Crianças podem expressar a dor da morte e do luto de formas confusas e abruptas, como atos de raiva e descontrole ou, também, por meio do comportamento de fingir que a pessoa está viva. Além disso, crianças podem ter dificuldade de assimilar a notícia do falecimento, quando é transmitida pelos adultos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

É possível que a criança passe pelos mesmos processos e fases do luto do adulto, adentrando assim na fase de negação pela morte de um ente querido, o que pode ocasionar uma fantasia na mente da criança, contexto em que ela pode pensar que é responsável pela morte do ente ou ter problemas para aceitar a morte, são possíveis também casos em que a criança apresente os mesmos sintomas da doença que possuía a pessoa falecida (KOVÁCS, 2002; LEANDRO; DE FREITAS, 2015).

O luto infantil é perpassado por três fases, que se remetem ao luto do adulto, sendo elas a fase do protesto, a fase do desespero e a fase do desligamento. Na primeira fase, a do protesto, a criança se mostra muito chorosa e agitada, tentando recuperar o ente querido; na segunda fase, a do desespero, a criança percebe que seu ente querido não irá mais voltar; por último, na terceira fase, a do desligamento, a criança acaba por aceitar a

morte do seu ente querido (MENTONE, 2007; KLEIN, 2017).

Um ponto bastante característico do luto ou do pesar infantil é o de que a criança pode continuar a sua rotina ou vida negando o fato da morte do seu ente querido, existindo, assim, uma expectativa de que a pessoa querida possa voltar ao seu mundo, isso pode ocorrer de forma consciente ou não (BOWLBY, 2015).

Tanto no luto infantil, quanto no luto do adulto, é de extrema importância a presença e a assistência de uma pessoa que seja de confiança e que dê apoio, para que a criança e o adulto passem pela fase do luto de forma saudável. Sendo assim, é de extrema importância que a criança tenha uma pessoa que possa estar presente em sua vida, podendo, assim, conectar-se com ela. Com isso, pode-se esperar que uma criança aceite a morte do seu ente querido como algo inevitável e comece a sua vida novamente (BOWLBY, 2015). Tendo em vista os fatos expostos, faz-se necessária a discussão acerca desse tema, para que se possa compreender como é possível auxiliar as crianças em situações de luto pela perda dos avós. Nesse sentido, o uso de curtas-metragens como *Oma* (2020), pode se tornar uma alternativa valiosa, pois, através da animação, o luto infantil é abordado de maneira lúdica, e o lúdico é a linguagem pela qual a criança se expressa.

Com tudo isso, este trabalho tem o objetivo de identificar os aspectos psicológicos do processo de luto presentes no curta-metragem *Oma*, enfatizando as relações intergeracionais e, mais especificamente, identificar os aspectos psicológicos presentes nas fases do luto e qual impacto tem esse processo nas relações intergeracionais. Pretende-se, também, identificar os aspectos psicológicos, emocionais e comportamentais do processo de luto em crianças, a partir do referido filme.

METODOLOGIA

Oma é uma animação no formato curta-metragem, dirigida pela animadora e ilustradora Karolien Raeymaekers, que conta a história de uma personagem que precisa dominar o medo de perder a sua avó, a qual está muito doente.

Oma foi vencedor de melhor curta-metragem belga no *Int'l Shortfilm festival Leuven* e também ganhou um prêmio como melhor curta-metragem de animação no *Sundance Channel shorts* em Londres.

Para a construção deste artigo, foi realizado um levantamento de bibliografia sobre a temática das relações intergeracionais e o luto, nos periódicos Scielo e BVS PSI. As palavras-chave utilizadas foram “relações intergeracionais” e “luto”.

Laianne Lannunci Lima LOPES; Ana Leticia Guedes PEREIRA. A VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL NO CURTA-METRAGEM OMA THE. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculadefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 232-245.

O delineamento de pesquisa adotado foi o de pesquisa exploratória. De acordo com Gil (2002), esse tipo de estudo tem por objetivo possibilitar ao pesquisador maior familiaridade sobre determinados problemas ou conceitos. Para possibilitar a apropriação do tema estudado, são necessários levantamentos bibliográficos ou a realização de entrevistas ou, ainda, a aplicação de questionários sobre a temática estudada pelo pesquisador.

Sendo assim, para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa foram descritas cenas do curta-metragem *Oma*, e, posteriormente, recorreu-se à literatura selecionada para articular a problemática apresentada no filme com pesquisas realizadas sobre o luto infantil e relações intergeracionais. Os resultados obtidos demonstraram que a utilização de filmes e curtas-metragens para compreender questões universais para os seres humanos é eficaz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Oma é um curta-metragem que aborda a temática do luto infantil, já no começo do filme, podemos observar uma respiração ofegante, acompanhada do barulho oriundo dos aparelhos aos quais a avó está ligada, e os adultos ao redor da cama de hospital, enquanto a criança permanece sozinha, aparentemente em um corredor ou sala de espera.

Nessa cena, observamos algo que rapidamente chama a atenção, a avó está internada, aparentemente em seus últimos momentos de vida, e a criança está sozinha, nenhum adulto permaneceu com ela. A menina também não foi encorajada a se aproximar do leito, e, no decorrer do curta-metragem, também não se observa nenhum momento no qual os adultos conversam com a criança sobre o que está ocorrendo.

Louzette e Gatti (2007) destacam que enfrentar a morte de alguém querido é algo complicado em qualquer idade e, principalmente, quando ainda não há recursos internos que possam auxiliar o indivíduo no momento da perda. Para que a criança possa lidar com a morte, é necessário que alguém com quem ela tenha vínculo explique o que está acontecendo, respeitando os conhecimentos que ela já possui para poder lidar com essa situação.

No curta-metragem, não se observa a aproximação de nenhum adulto para explicar à criança o que está acontecendo, e, na vida real, essa situação também pode ser observada, pois, tendo em vista que a criança se expressa de forma lúdica e não verbal como o adulto, pode tornar-se mais difícil para os adultos perceberem que ela precisa de

ajuda.

Mazorra (2005), no livro *Luto na infância*, comenta que, muitas vezes, os adultos se encontram fragilizados e não conseguem oferecer o suporte do qual as crianças necessitam, nesses casos, a terapia pode ser oferecida como um espaço de continência para a criança que, dentre outros sentimentos, pode estar experimentando o sentimento de culpa pela perda do familiar.

Nas cenas seguintes, observa-se a avó, que já apresentava sinais de fraqueza, brincando com a criança no campo, posteriormente, ambas se sentam na grama para apreciar o voo dos pássaros, e, logo em seguida, a cena se transforma. A imagem da avó se desfaz enquanto, novamente, ouve-se uma respiração ofegante e o barulho dos aparelhos aos quais a avó permaneceu ligada no hospital; assustada, a criança corre para longe.

A cena posterior mostra a avó estendendo roupa no varal, e a criança se aproximando para auxiliá-la. Posteriormente, a avó lê um livro, enquanto a criança a presenteia com uma flor e corre atrás de uma borboleta. Nesse momento, novamente, a cena se transforma, perdendo suas cores vivas e assumindo um tom de vermelho escuro e preto, a música que acompanhava o movimento da criança é substituída pelo som do aparelho hospitalar, e a avó, novamente ofegante, parece desfazer-se enquanto está ligada aos fios dos aparelhos, ela perde sua forma familiar aos olhos da criança para assumir a forma de uma figura amedrontadora.

Mazorra (2005) comenta que, diante da morte, a criança pode vivenciar fantasias, sentir-se culpada pela perda sofrida, negar a morte e, ainda, apresentar sentimentos de raiva ou agressividade pelo familiar que a teria deixado sozinha. Pode ser que a transformação da avó em uma figura assustadora esteja relacionada à vivência desses sentimentos por parte da criança, pois, em mais de uma cena, observa-se que a avó deixa de apresentar a aparência que é familiar à criança e que faz com que a mesma se sinta segura para se aproximar e interagir com a idosa, para assumir uma aparência que causa medo e insegurança, fazendo com que a menina corra para se afastar.

Posteriormente, o curta-metragem retorna para a cena do hospital, e, novamente, a criança se encontra sozinha, enquanto o corpo da avó é levado para fora do quarto pelos adultos. Nesse caso, é possível identificar, no curta-metragem, fatores que podem dificultar a elaboração do luto pela criança. Segundo Mazorra (2005), o não fornecimento de informações corretas sobre a morte do familiar e o não compartilhamento do luto com a criança podem fazer com que o processo de elaboração do luto seja mais difícil por ela. Em

contrapartida, possibilitar a expressão dos sentimentos na família, ou através de terapia, e a manutenção das lembranças da criança em relação ao familiar que faleceu pode auxiliar a mesma na elaboração do luto.

Nas cenas finais, a criança se aproxima da figura amedrontadora, que já se encontra aparentemente sem vida no chão. A menina abraça essa personagem, e a música que acompanha a cena é suave e delicada. Aos poucos, a figura se desfaz, restando apenas uma pequena parte nas mãos da criança, que permite que os pequenos fragmentos sejam levados pelo vento, e o tom vermelho escuro e preto dão lugar ao colorido das flores e do campo, que se apresenta na cena final do curta-metragem, sugerindo a aceitação da perda da avó.

O processo de luto não é algo que possa ser classificado ou medido por um tempo, sobretudo quando se trata do luto infantil, a maioria dos sentimentos que ocorrem nesse período são de tristeza, raiva, solidão, entre outros. Com isso, existem alguns fatores que podem influenciar a elaboração do luto infantil ou a aceitação da morte do ente querido. Um grande fator que contribui para a elaboração do luto infantil é a participação nos rituais fúnebres, ou seja, no velório e no sepultamento, para que, assim, a criança possa entender e assimilar o que está ocorrendo.

Novamente, um fator de extrema importância é a transmissão de informações por parte de uma pessoa próxima ou amada pela criança, desde o momento da morte até o que vai ocorrer após os rituais fúnebres. A expressão de sentimentos por parte dos adultos, nesse momento, é outro fator significativo, pois, assim, a criança se sentirá segura para fazer o mesmo, demonstrando o que está sentindo, e, mesmo sendo fortes os sentimentos de tristeza, ela deverá ser acolhida. Por fim, a elaboração do luto infantil está intimamente ligada ao estado emocional da família, portanto, o quadro ou o estado em que a família estiver influenciará a criança, portanto, o apoio e cuidado familiar são cruciais (FRANCO; MAZORRA, 2007; FUJISAKA, 2009; LEANDRO; FREITAS, 2015).

Cerveney (1997) realizou uma grande pesquisa no estado de São Paulo e classificou as fases pelas quais a família passa ao longo do tempo, a pesquisadora ressalta a importância de se promover espaços de interação entre avós e netos. Essa relação é promotora da saúde, tanto para os idosos, que podem compartilhar suas experiências, quanto para as crianças, que, através dessa relação, têm a possibilidade de conhecer mais sobre a origem de sua família, os hábitos, as crenças e os valores que a fazem única.

Perder uma avó significa perder também a possibilidade de ter contato com

histórias familiares, os idosos têm prazer em contar histórias e compartilhar experiências, e as crianças adoram ouvir histórias, a perda da avó representa também a perda de contato com a história oral da família e da comunidade à qual a criança pertence.

No curta-metragem *Oma*, em vários momentos, observa-se a neta sendo companheira da avó, auxiliando-a em afazeres domésticos e motivando-a diante das limitações físicas impostas pelo envelhecimento. É a criança quem empurra a avó quando seus passos se tornam mais lentos. Em outra cena, a avó lê, enquanto a neta brinca. Não se observa outros adultos. Isso pode ocorrer porque, como mencionaram Oliveira, Gomes e Tavares (2009), o começo e o fim da vida têm aspectos semelhantes, velhos e crianças têm um ritmo diferenciado; e os adultos, em muitas situações, podem não acompanhar as necessidades das pessoas que se encontram nessas faixas etárias.

É possível observar uma cena na qual avó e neta, sentadas na grama, apreciam o voo dos pássaros, pode ser mais difícil para pessoas que se encontram na fase adulta da vida apreciarem esses momentos, adultos que, por exemplo, encontram-se na fase de aquisição, a qual é descrita por Cerveny (1997) como o momento no qual as pessoas precisam dedicar suas energias à aquisição de bens materiais. Durante essa fase, as pessoas podem apresentar mais dificuldade para apreciar esses momentos únicos proporcionados pelo contato com a natureza, visto que a energia é direcionada para objetivos diferentes da contemplação de pequenos prazeres.

Por outro lado, Bento e Pereira (2021) realizaram uma pesquisa sobre relações intergeracionais e afirmaram que o melhor remédio para a promoção da saúde de pessoas idosas é a convivência com outras gerações, pois os idosos, através desses relacionamentos, têm a possibilidade de compartilhar histórias que permanecerão vivas após o falecimento dos mesmos.

Estés (2007) destaca os contos infantis nos quais muitas vezes um príncipe aparece para ser o protagonista, entretanto, também é possível observar a existência de uma mulher mais experiente, seja uma velha enrugada ou uma feiticeira com seus amuletos. Essa personagem em muitos casos dá a heroína um anel mágico, um espelho, um frasco ou objeto semelhante para usar como proteção. Na vida real a autora ressalta que caso se olhe com atenção ao contexto à sua volta, muitas meninas poderão identificar velhas excêntricas, fortes e belas.

Após a morte da avó, a menina é observada sozinha, é possível que naquele núcleo familiar não houvesse outro adulto com a mesma sensibilidade e disponibilidade da avó

para acolher a criança, contudo, ela possuía lembranças de momentos compartilhados entre avó e neta, o que poderia confortá-la e diminuir a saudade da idosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do luto ainda continua sendo um tabu na sociedade, mencionar o luto pode ocasionar mal estar, principalmente quando se faz referência ao luto infantil, pois, muitas vezes, a infância é representada como se fosse uma fase da vida na qual só há espaço para alegrias e diversão. Oma retrata o tema do luto infantil de forma lúdica e delicada, por meio do curta-metragem, é possível compreender como pode ocorrer o processo de luto pela perda de pessoas significativas para as crianças e como é possível ajudá-las nesses momentos.

Para este artigo, traçou-se como objetivo geral identificar aspectos relacionados ao luto infantil no curta-metragem Oma. E, como objetivos específicos, buscou-se identificar comportamentos da família que dificultaram a elaboração do luto por parte da criança que perdeu a avó. Por outro lado, almejou-se, também, como objetivo específico, identificar quais fantasias e sentimentos a criança vivenciou durante o processo de luto pela perda da avó.

Através da análise realizada, observou-se que a não comunicação à criança sobre o que estava acontecendo com a avó possibilitou a vivência de sentimentos contraditórios, como negação, culpa e raiva pela perda do familiar. A criança permaneceu sozinha sem o apoio de alguém com quem ela pudesse compartilhar sua dor.

É essencial que, em um momento delicado como esse, a criança possa contar com o apoio de um adulto significativo para ela, caso não seja possível, pode ser oferecido a ela um espaço de elaboração do luto por meio da terapia. Acredita-se que os objetivos traçados foram alcançados e sugere-se a realização de outras pesquisas que possam corroborar os dados obtidos neste trabalho.

Para finalizar, vale ressaltar que a convivência intergeracional promove a qualidade de vida e o bem-estar, tanto de avós quanto de crianças, o resultado dessas experiências poderá ser observado posteriormente na fase adulta da vida, pois crianças que convivem com idosos e aprendem a valorizar o conhecimento e a experiência dos mesmos tendem a se tornar adultos mais sensíveis e aptos a conviver com a diversidade.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Carolina Rissoni *et al.* A vivência do luto de psicólogos dentro das instituições. **Revista da SBPH**, v. 23, n. 1, p. 25-34, 2020.

BENTO, Ronan Pereira; PEREIRA, Ana Letícia Guedes. RECARREGANDO AS BATERIAS: SOLIDÃO NA FASE DO ENVELHECIMENTO. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 28, 2021. Disponível em: <https://jnt1.websiteseguro.com/index.php/JNT/article/download/1099/749>. Acesso em: 13 out. 2021.

BOWLBY, John. Separação e perda na família (1968-1970). In: BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 113-138.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CASELLATO, Gabriela *et al.* O processo de luto: técnicas de intervenções no processo de luto. 4 Estações, Instituto de Psicologia. São Paulo, 2003, p. 133-156.

CASTRO, Odair Perugini. **Velhice que idade é esta?** Uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese, 1998.

ESTÉS, Pinkola. Clarissa. **A ciranda das mulheres sábias. Ser jovem enquanto velha. Velha enquanto jovem**. Rio de Janeiro, Rocco, 2007.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; SILVA, Márcia Andréa Souza. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 55-62, 2003.

FAGUNDES, Fabiano. **LUTO NO VIRTUAL: VERIFICAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE AS FASES DO LUTO E A EXTINÇÃO OPERANTE A PARTIR DA VIVÊNCIA COMPARTILHADA EM UMA REDE SOCIAL VIRTUAL**. 2012. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, 2012.

FRANCO, Maria Helena Pereira. **A psicoterapia em situações de perda e luto**. São Paulo: pleno, 2010.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, p. 503-511, 2007.

FERREIRA, Olívia Galvão Lucena *et al.* Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 357-364, 2010.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007.

Laianne Lannunci Lima LOPES; Ana Leticia Guedes PEREIRA. A VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL NO CURTA-METRAGEM OMA THE. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculadefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 232-245.

FUJISAKA, Ana Paula. **Vivência de luto em adultos que perderam a mãe na infância.** Orientadora: Maria Júlia Kovács. 2009. 235 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. **Infância e velhice: pesquisa de idéias.** Campinas, SP: Alínea, 2003.

KOVÁCS, Mária Júlia. **Morte e desenvolvimento humano.** 4. ed. Casa do Psicólogo, 2002.

KLEIN, Karine. **A Importância dos Contos de Fadas na Elaboração do Luto Infantil.** Orientador: CERVI, Taís. 2017. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia, Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande do Sul, 2017.

LOUZETTE, Fernanda Lucena; GATTI, Ana Lúcia. Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. **Revista eletrônica Iniciação Científica**, v. 1, p. 77-79, 2007.

LEANDRO, Josilane Costa; DE FREITAS, Patrícia Maria Lima. Luto infantil: A vivência diante da perda de um dos pais. **REVISTA UNINGÁ**, v. 46, n. 1, 2015.

LEITE, César Donizetti Pereira. Infância e formação: percurso invertido. *In:* LEITE, César Donizetti Pereira. **Infância, experiência e tempo.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 35-46.

LEITE, César Donizetti Pereira. Infância, identidade, subjetividade, cinema. *In:* LEITE, César Donizetti Pereira. **Infância, experiência e tempo.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 47-68.

MAZORRA, Luciana. O Luto na Infância. *In:* MAZORRA, Luciana; TINOCO, Valéria. **Luto na Infância: Intervenções psicológicas em diferentes contextos.** Campinas/SP: Livro Pleno, 2005. p. 17-34.

MENTONE, Flavia Colognese. **A psicose desencadeada por um luto infantil mal elaborado.** Pontifícia Universidade Católica - São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; GOMES, Lucy; TAVARES, Adriano Bueno. Relação entre avós e seus netos no período da infância. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 12, n. 2, 2009.

OMA. Direção: Karolien Raeymaekers. Cartoon Brew, 2014. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://nanu.blog.br/oma-curta-metragem/>. Acesso em: 11 setembro 2021.

PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth D. Terceira Infância. *In:* PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre : AMGH, 2013. p. 314-354.

Laianne Lannunci Lima LOPES; Ana Leticia Guedes PEREIRA. A VIVÊNCIA DO LUTO INFANTIL NO CURTA-METRAGEM OMA THE. Facit Business And Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculadefacit.edu.br/index.php/JNT>. Out/Nov - 2021. Ed. 31; V. 2. Págs. 232-245.

PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth D. O Fim da Vida. *In:* PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre : AMGH, 2013. p. 634-658.

PAZ, Serafim; GOLDMAN, Sara Nigri; PORTELA, Alice; ARNAUT, Therezinha. **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?**. Rio de Janeiro: CBCISS; ANG-Rio, 2000.

RAMOS, Natália. Avós e netos através da (s) imagem (s) e das culturas. *In:* RAMOS, Natália; MARUJO, Manuela; BAPTISTA, Aida. **A voz dos avós: Migração, memória e patrimônio cultural**, p. 33-56, 2014.

SILVA, Solange da; CARNEIRO, Maria Izabel Pereira; ZANDONADI, Antônio Carlos. O luto patológico e a atuação do psicólogo sob o enfoque da psicoterapia dinâmica breve. **Revista Farol**, v. 3, n. 3, p. 142-157, 2017.

VIANNA, Lucy Gomes; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud; ALVES, Vicente Paulo. O velho e a morte. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 15, n. Especial 12, p. 117-132, 2012.